Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

ENTREVISTA RBEG

"Geografia - ISSO SERVE, EM PRIMEIRO LUGAR, PARA FAZER...": a Geografia Crítica de José William Vesentini e seus impactos no ensino



Autor | Entrevistador

Prof. Dr. Fagno da Silva Soares[1]

[1] Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) - Campus Açailândia | e-mail: fagno.soares@ifma.edu.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0829-300X

"Geografia - ISSO SERVE, EM PRIMEIRO LUGAR, PARA FAZER...": a Geografia Crítica de José William Vesentini e seus impactos no ensino

Resumo

A entrevista realizada em 15 de setembro de 2025, Dia Internacional da Democracia, data emblemática no ano de comemoração dos 40 anos da Democracia brasileira, teve como interlocutor o escritor e geógrafo José William Vesentini, um dos mais destacados autores de livros didáticos no Brasil. Com mais de trinta obras publicadas, sua produção alcançou ampla circulação na Educação Básica, consolidando-se como referência entre educadores/educandos em todo país, sobretudo nos campos da Geografia e da Geopolítica, referência fundamental para a consolidação do ensino da Geografia Crítica no Brasil. Pioneiro entre os professores universitários a dedicar-se sistematicamente à elaboração de livros didáticos, conferiu a esse gênero uma densidade teórica e pedagógica singular, que lhe assegurou reconhecimento e legitimidade social. Vesentini revisitou, nesta ocasião, sua trajetória intelectual e profissional, trazendo reflexões instigantes sobre os desafios que marcam a produção e o uso dos livros didáticos de Geografia entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI. Entre os pontos mais relevantes, ressaltou a permanência do livro didático como instrumento pedagógico central, cuja importância segue inconteste nos processos formativos dos estudantes brasileiros.

Palavras-chaves: Geografia Crítica; Livro Didático; Ensino de Geografia; Geopolítica.

"GEOGRAPHY - THIS SERVES, FIRST AND FOREMOST, TO DO...": José William Vesentini's Critical Geography and its impacts on teaching

Abstract

The interview, conducted on September 15, 2025, International Democracy Day, an emblematic date in the year commemorating the 40th anniversary of Brazilian democracy, featured writer and geographer José William Vesentini, one of Brazil's most prominent textbook authors. With over thirty published works, his work has achieved wide circulation in basic education, establishing himself as a reference among educators and students throughout the country, especially in the fields of geography and geopolitics. This was a fundamental reference for the consolidation of critical geography teaching in Brazil. A pioneer among university professors in systematically dedicating himself to the development of textbooks, he conferred upon this genre a unique theoretical and pedagogical depth, which has earned him recognition and social legitimacy. On this occasion, Vesentini revisited his intellectual and professional trajectory, offering thought-provoking reflections on the challenges that marked the production and use of geography textbooks between the late 20th century and the first decades of the 21st century. Among the most relevant points, he emphasized the permanence of the textbook as a central pedagogical tool, whose importance remains unquestionable in the educational processes of Brazilian students.

Keywords: Critical Geography; Textbook; Geography Teaching; Geopolitics.

"GEOGRAFÍA - SIRVE, ANTE TODO, PARA HACER...": la Geografía Crítica de William Vesentini y sus impactos en la enseñanza

Resumen
La entrevista, realizada el 15 de septiembre de 2025, Día Internacional de la Democracia, fecha emblemática del año en que se conmemora el 40.º aniversario de la democracia brasileña, presentó al escritor y geógrafo José William Vesentini, uno de los autores de libros de texto más destacados de Brasil. Con más de treinta obras publicadas, su obra ha alcanzado una amplia difusión en la educación básica, estableciéndose como un referente entre educadores y estudiantes de todo el país, especialmente en las áreas de geografía y geopolítica. Este fue un referente fundamental para la consolidación de la enseñanza crítica de la geografía en Brasil. Pionero entre los profesores universitarios en dedicarse sistemáticamente al desarrollo de libros de texto, confirió a este género una profundidad teórica y pedagógica única, que le ha valido reconocimiento y legitimidad social. En esta ocasión, Vesentini revisó su trayectoria intelectual y profesional, ofreciendo reflexiones que invitan a la reflexión sobre los desafíos que marcaron la producción y el uso de los libros de texto de geografía entre finales del siglo XX y las primeras décadas del siglo XXI. Entre los puntos más relevantes, destacó la permanencia del libro de texto como herramienta pedagógica central, cuya importancia sigue siendo incuestionable en los procesos educativos del alumnado brasileño.
Palabras-clave: Geografía Crítica; Libro de Texto; Enseñanza de la Geografía; Geopolítica.

José William Vesentini, figura consagrada como um dos mais eminentes e influentes autores de livros didáticos no Brasil, tornando-se referência incontornável para sucessivas gerações de docentes da Educação Básica em todo o país. Sua trajetória intelectual e editorial ultrapassou largamente os limites da prática escolar, projetando-o como uma das vozes mais respeitadas no debate acerca da importância e da legitimidade do livro didático ao conferir dignidade epistêmica e relevância científica à produção didática. Ao valorizar a produção didática como campo legítimo de conhecimento, Vesentini contribuiu decisivamente para sua legitimação como instrumento central na formação de consciências críticas e cidadãs. Pioneiro entre os docentes universitários a dedicar-se sistematicamente à elaboração de materiais didáticos, conferiu a esse gênero densidade teórica, estatuto acadêmico, legitimidade social e pedagógica singular, que lhe assegurou projeção nacional. A relevância de sua atuação ultrapassa o âmbito da sala de aula, projetando-o como intelectual de referência enquanto autor de livros didáticos de Geografia e evidenciando a centralidade do livro didático como objeto de investigação e de prática pedagógica, situando-o como dimensão indissociável da produção de conhecimento e da mediação educativa no país. Bacharel e licenciado em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo -

FFLCH/USP (1973, 1974), doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1985) e Livre-Docente em Geografia Política pela Universidade de São Paulo - USP (2003). Atualmente é professor aposentado do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Ao longo de sua trajetória acadêmica, William Vesentini produziu um conjunto expressivo de artigos em periódicos nacionais e internacionais, além de uma obra autoral vasta, cuja consolidação se deu tanto em manuais didáticos quanto em livros de referência na área. Sua experiência acadêmico-intelectual concentra-se no campo da Geografia, com ênfase particular na Geografia Política e na Geopolítica, sem perder de vista a dimensão pedagógica do ensino da disciplina. Nesse escopo, destacou-se pela abordagem de temáticas centrais como a nova ordem mundial, as relações entre política e território, a geopolítica brasileira, a questão ambiental e os desafios contemporâneos do ensino da Geografia no século XXI. Do conjunto de sua profícua produção intelectual, destacamos algumas obras, a saber: *Ensaios de Geografia crítica: história, epistemologia e (geo)política* (2009), *Repensando o ensino da Geografia para o século XXI* (2009), *Geografia: EJA, educação de jovens e adultos* (2006), *O ensino da Geografia no século XXI* (2004), *Nova ordem, imperialismo e geopolítica global* (2003), *Geografia: ensino médio/volume único* (2003), *Novas geopolíticas* (2000), *A nova ordem mundial* (1995), *Para uma Geografia crítica na escola* (1992), *Geografia, natureza e sociedade* (1989), *Geografia crítica* (1988), *Brasil: sociedade e espaço* (1985) e dentre outros. Dentre suas obras de maior impacto, destaca-se "*Brasil: Sociedade e Espaço*", amplamente reconhecido como o primeiro livro didático a incorporar, de forma sistemática, os fundamentos da chamada Geografia crítica no ensino escolar, constituindo um marco paradigmático na renovação da educação geográfica no Brasil. Sua publicação inaugurou uma inflexão epistemológica e pedagógica, tornando-se referência incontornável para praticamente todos os manuais de Geografia produzidos no país nas décadas subsequentes.

Fagno da Silva Soares: Permita-me, antes de tudo, manifestar nossa mais profunda gratidão pela solicitude com que acolheu este convite, assim como pela habitual fineza e pela diligente atenção com que se dispõe a partilhar conosco reflexões e reminiscências de sua trajetória pessoal e intelectual. Para inaugurar esta interlocução, tomamos a dimensão biográfica como chave heurística e horizonte hermenêutico privilegiado, convictos de que a apreensão da densidade de sua obra e do vigor de sua contribuição ao Ensino da Geografia Crítica no Brasil supõe, antes de mais nada, o reconhecimento do ser humano em sua singularidade originária. É, pois, nesse registro memorialístico que o

convidamos a rememorar passagens fundacionais de sua existência: a infância e o rito inaugural da alfabetização, as matrizes formadoras inscritas nas influências familiares, bem como as experiências escolares que, de maneira indelével, se entrelaçaram na tessitura de sua jornada intelectual e existencial. Ao proceder a tal rememoração, aspiramos vislumbrar não apenas o intelectual consagrado, mas igualmente o sujeito sensível que se forjou nas encruzilhadas do vivido e nas contingências da história.

Vesentini: Antes de tudo, agradeço o convite para a entrevista. Nasci em Presidente Bernardes (SP) em 1950, neto de anarquistas italianos que vieram para o Brasil fugindo do fascismo. Mas passei praticamente toda a minha infância em pequenas cidades no Norte do Paraná (Porecatu e, principalmente, Jaguapitã) e, depois, aos 15 anos de idade, vim para São Paulo, capital. Meu pai era contador e bancário e algumas vezes trocou de emprego ou de agência, daí essas três cidades na minha infância que, por sinal, nada têm de especial: cidades pequenas onde nas ruas de terra praticamente não circulavam carros, o que permitia que brincássemos e jogássemos futebol nas ruas mesmo, quintal cheio de árvores frutíferas onde muitas vezes eu ficava acastelado nos galhos altos de uma mangueira ou até no telhado, por onde subia através de uma pereira que tinha ao lado da casa. Tive um irmão mais velho extremamente precoce (ele sempre era o primeiro lugar em todas as matérias das classes do [que hoje chamamos de] Ensino Fundamental 1 e 2, depois no Ensino Médio), que muito me influenciou e, desde a infância, gostava de ler obras de ficção e também de divulgação científica e filosófica. Provavelmente foi ele quem me inculcou o gosto pela leitura desde a infância, inclusive por obras simples de inspiração socialista ou autogestionária, além de ficção científica, que continuo a devorar até os dias de hoje. Meu pai também comprava muitos livros, inclusive lembro bem dos vários volumes de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Sempre fui – e continuo sendo – uma pessoa retraída ou introvertida, acredito até que tenho um pouco de autismo, pois prefiro dar longas caminhadas sozinho, ficar lendo ou refletindo em vez de ir a festas – e mesmo nestas, em geral, fico num canto e logo arrumo uma desculpa para sair. Gosto de dar longas caminhadas de no mínimo 10 km todos os dias, de preferência sozinho, momento em que observo e reflito. Muitas ideias inovadoras dos meus livros surgiram nesses momentos.

FSS: Professor Vesentini, considerando suas raízes familiares neto de anarquistas italianos que se refugiaram no Brasil fugindo do fascismo e a influência precoce das leituras e inquietações políticas, especialmente vinculadas às tradições socialistas e

autogestionárias, como o senhor percebe que essas experiências formativas moldaram sua visão de educação e orientaram sua atuação em iniciativas pedagógicas inovadoras, como o curso supletivo no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (1974–1976) e o trabalho no Centro de Orientação Educacional (COE) em São Paulo (1973–1976).

Vesentini: Para responder a essa questão, é preciso contextualizar minha produção didática. Meu primeiro livro educativo, *Sociedade e Espaço, Geografia Geral e do Brasil*, foi editado em 1982, em plena Ditadura Militar 1964-1985. Naquele período, predominavam os manuais mnemônicos nos quais a Geografia era vista como um estudo descritivo das capitais dos países (ou dos estados brasileiros), com listas de rios principais e seus afluentes, nomes de planaltos e planícies, principais produtos de exportação, etc. E sempre tinha um esquema pré-definido de apresentação dos assuntos: primeiro o meio físico (ou, às vezes, noções de astronomia), depois a população e, finalmente, a economia. Eu inverti esse esquema, daí o nome Sociedade e espaço (e não espaço e sociedade), pois a partir da sociedade moderna, nascida com a Revolução Industrial, é a ação humana que modifica, reelabora, reconstrói o espaço geográfico. No esquema tradicional, a Terra e o Homem, ficava implícito que a sociedade humana se adaptava ao espaço, mesmo que eventualmente modificasse alguma coisa. Mas a Terra, o espaço físico (visto de forma descritiva e com seus elementos separados), é quem vinha primeiro. Nesse meu primeiro livro educativo procurei deixar evidente que é a dinâmica da sociedade (as lutas pelo poder, as contradições sociais) que produz ou reproduz o espaço geográfico, visto não tanto como físico, e sim como um espaço social que também incorpora a natureza. Daí o primeiro capítulo ser intitulado *"Uma Geografia política do mundo atual"*, onde abordei pioneiramente num compêndio educativo a Guerra Fria (que existia na época), a bipolaridade entre o capitalismo e o então mundo autointitulado socialista (por sinal, esses conceitos, como os de economia de mercado e planificada, também foram abordados pela primeira vez num manual didático), procurando explicar o mundo, a partir desse antagonismo e também estudando os demais países, na época denominados Terceiro Mundo, palco de luta entre aqueles dois conjuntos capitaneados pelos Estados Unidos, de um lado, e pela ex-União Soviética do outro. Modifiquei também a abordagem do subdesenvolvimento, que alguns poucos na Geografia já vinham enfocando desde o importante livro de Yves Lacoste, *Geografia do Subdesenvolvimento*, pioneiro nesse assunto em nossa disciplina e cuja primeira edição, em francês, é de 1965. Malgrado o pioneirismo de Lacoste, sua abordagem desse tema

ainda era descritiva (como ele próprio reconheceu, numa nova edição renovada no final dos anos 1970), identificando o subdesenvolvimento com um rol de características: alto crescimento demográfico (algo incorreto para uma parcela dos países do Sul, mesmo no final dos anos 1960), baixa renda *per capita* (idem), fraca industrialização e urbanização (idem), infraestrutura precária, economias baseadas no setor primário, etc. Fui em parte influenciado por Lacoste, mas também por outros autores que tinham abordagens mais sistêmicas do assunto, como André Gunder Frank, Rui Mauro Marini, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, que enfatizavam a dependência (econômica, cultural) desses países. (Hoje toda essa produção intelectual é vista como em boa parte ultrapassada, mas na época era vanguarda).[2] E também introduzi as etapas da industrialização: a clássica (dos países desenvolvidos), a tardia ou periférica (dos países do Sul) e a planificada, mostrando que esses diferentes tipos de industrialização eram mais apropriados para se entender o desenvolvimento / subdesenvolvimento do que um rol de "características". Como também introduzi a questão dos países subdesenvolvidos industrializados (hoje chamados de emergentes), algo que, à época, era visto como um contrassenso. Pela primeira vez – nos manuais educativos, é óbvio – foi abordada a questão da democracia (não como regime formal, e sim como dinâmica de implementação de direitos políticos, sociais, civis e da nova geração), o que evidencia os países desenvolvidos como democráticos e os países do Sul como regimes autocráticos ou democracias incompletas. Também nos itens população e meio ambiente encetamos inovações com a discussão sobre crescimento demográfico e neomalthusianismo, as disparidades entre os gêneros (isso no momento em que o movimento feminista estava nascendo no Brasil), a questão da distribuição social da renda, o racismo atual, a paisagem natural vista como elementos interligados, os problemas ambientais, inclusive o aquecimento global, etc. Nada disso existia nos livros didáticos de Geografia. Em face disso tudo, durante alguns anos a editora ficou indecisa sobre lançar o livro, o que ocorreu somente no final de 1982 porque naquele momento já havia o que era conhecido como "abertura gradual e controlada" ou transição da ditadura para uma democracia (mesmo que imperfeita, sem atender mínimas condições para a cidadania plena) a partir do governo Geisel (pressionado, o que pouca gente lembra ou quer recordar, pelo governo Jimmy Carter). Essa transição deu certa segurança à editora para, finalmente, lançar o manual. Mas,

[2] Nos dias atuais a questão mudou, já não se parte mais do subdesenvolvimento (algo considerado normal na história da humanidade) e sim do enigma do desenvolvimento, iniciado com a Revolução Industrial, no fundo herdeira da Revolução Científica. Inúmeros fatores – liberdades democráticas, segurança jurídica, qualidade e expansão da educação, evidentemente que produtividade do trabalho, etc. – são considerados como essenciais para a promoção do desenvolvimento. Abordo esse tema num livro digital de 2020: Geografia, imperialismo e desigualdades internacionais, e-book kindle, disponível in: https://www.amazon.com.br/Geopol%C3%ADtica-imperialimo-desigualdades-internacionais-Vesentini-ebook/dp/B08RXHX2HQ

respondendo mais diretamente à questão, sim, minhas experiências como docente no em especial no Centro de Orientação Educacional (COE), uma escola particular inovadora, e também no curso supletivo do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, contribuíram para moldar minha visão sobre o que ensinar em Geografia. Fui encarregado de elaborar apostilas e, nelas, introduzi, aos poucos, novos temas e abordagens que não existiam nos compêndios da disciplina. E a prática na sala de aula, a recepção dos alunos (que percebi que passavam a gostar mais da Geografia com esses novos temas) foi essencial para que eu resolvesse escrever um manual inovador, crítico (que sabia ser uma ação temerária no auge da ditadura) e com uma nova concepção da Geografia escolar.

FSS: Sua produção no âmbito da Geografia Crítica, amplamente difundida na Educação Básica, consolidou-o como uma das referências mais significativas no campo dos livros didáticos de Geografia no Brasil. Permita-me confessar que foi ainda durante o Ensino Fundamental, certamente por meio de suas obras, que comecei a cultivar meu apreço pela disciplina de Geografia, experiência formativa que se revelou decisiva para minha escolha de seguir o doutorado em Geografia Humana. Nesse contexto, gostaria de conhecer suas reflexões acerca das matrizes teóricas e das influências intelectuais que delinearam sua trajetória: desde os anos de formação na graduação até o doutorado na USP, quais autores, autoras e interlocuções o senhor considera determinantes para moldar sua identidade como geógrafo e, simultaneamente, como autor de obras didáticas em Geografia? Nessa atmosfera de evocação, deixamos ressoar uma indagação que, simultaneamente singela e abissal, nos parece incontornável: de que modo a Geografia o encontrou?

Vesentini: Fico contente e honrado por tê-lo influenciado no apreço pela Geografia. Acredito que isso ocorreu – pelos depoimentos que recebi de alunos de graduação de várias partes do país – com centenas de outros, pois, anteriormente, a Geografia era tida como uma disciplina maçante e que só demandava memorização. Boa parte dos (poucos) que optaram pela Geografia antes da sua renovação crítica o fizeram, acredito, porque a docência era uma atividade bem remunerada. Parece um absurdo afirmar isso hoje, mas temos que recordar que, até os anos 1960, um professor na rede pública do Estado de SP, por lei, tinha o mesmo salário que um juiz e um promotor público. Foi com a ditadura militar que desvincularam essas profissões e os emolumentos dos professores foram declinando (subindo menos que a inflação), e os dos demais profissionais

mencionados mantiveram certa paridade com estes. Em todo caso, meu apreço pela disciplina de Geografia deu-se em duas principais etapas ou fases da vida. Primeiro, no antigo ginásio (hoje Ensino Fundamental 2), que frequentei numa pequena cidade do interior do Paraná, onde tive um bom professor de Geografia, alguém que mesmo adotando um manual tradicional (eram os únicos que existiam), enriquecia suas aulas com suas experiências pessoais (ele tinha viajado por vários estados brasileiros e pela Europa) e também fazia suas provas com questões dissertativas e redações sobre temas variados (o que permitia aos alunos usarem criatividade ao invés de apenas memória) no lugar das repetitivas perguntas sobre qual é o nome de tal capital, deste ou daquele acidente do relevo, rio, clima, etc. E todos sabem que um bom professor, alguém que motiva os alunos, é fundamental para que estes tomem gosto pela matéria. Segundo, quando frequentei um cursinho pré-vestibular, em 1969, em São Paulo, tive um professor de Geografia que realizava seminários aos sábados sobre capítulos de livros como o já mencionado *Geografia do Subdesenvolvimento*, de Lacoste; *Geopolítica da Fome*, de Josué de Castro, que me mostraram outra faceta da disciplina: aquela de reflexão sobre a dinâmica ou os problemas do mundo (ou de sua região, de sua cidade). Isso me levou a decidir pela Geografia como primeira opção, quando tive de escolher qual curso assinalar no formulário do vestibular da USP, no final de 1969. Quando comecei a frequentar o cursinho, ainda não sabia se optaria por Economia, História ou Ciências Sociais. Já na universidade, encontrei bons e maus professores, mas confesso que, no geral, fiquei um pouco decepcionado. Não existiam as disciplinas de Geografia Política nem de Geografia do Desenvolvimento. No lugar, tinha Geografia do Mundo Tropical, que pretendia analisar a realidade da América Latina, da África e de regiões da Ásia e da Oceania sob a perspectiva climática. [Lembro que] quando comentei sobre o subdesenvolvimento, o professor da disciplina disse que isso era "coisa de sociólogo"! Uma boa parcela dos professores ainda era tradicionalista e encarava os assuntos mais polêmicos como "não geográficos"; talvez com receio dos chamados "dedos-duros", militares ou policiais disfarçados que frequentavam cursos de ciências humanas na USP para delatar professores tidos como "subversivos". Mas também existiram excelentes professores, como Pasquale Petrone, Manoel Seabra, Nelson Lacorte, Queiroz, Aziz Ab'Saber, Carlos Augusto e outros, cujas aulas fizeram com que eu permanecesse no curso de Geografia. Mas enquanto aluno do curso de Geografia da USP, confesso que lia mais livros de outras ciências ou obras e autores de Geografia que não constavam nos currículos dos cursos que frequentava. Como tinha meu irmão mais velho historiador, e amigos de outros cursos (Ciências Sociais, Filosofia, Economia), acabei lendo e

discutindo autores como Marx e Engels, Gramsci, alguns anarquistas (Kropotkin, Bakunin), filósofos que abordaram epistemologia (Popper, Kuhn, Feyragend), alguns autores da Teoria Crítica, especialmente Benjamin, posteriormente Castoriadis, Lefort e principalmente Foucault autor que muito me influenciou, mais até do que o marxismo, perspectiva esta que, hoje, considero pouco relevante para compreender a realidade hodierna. No final das contas, o que mais me "segurou" no curso de Geografia, foi o fato de ter começado a dar aulas já no primeiro ano da faculdade, pois, com a enorme expansão quantitativa das escolas que ocorreu nos anos 1970, com a perda de qualidade e maior facilidade para a promoção dos alunos, a carência de professores de Geografia com formação na área em São Paulo tornou-se enorme: era e é comum que pessoas de outras áreas (até seminaristas, advogados ou estudantes de Direito, de Engenharia, etc.) acabassem lecionando Geografia. Muitas vezes, apenas como "bico", o que contribuiu para perpetuar a imagem da disciplina como mnemônica. Ao lecionar Geografia, desde 1970, primeiro no [que hoje são o] Ensino Fundamental 2 e, depois, no Ensino Médio e em cursinhos pré-vestibulares, comecei a inovar, a acrescentar novos temas, a escrever apostilas com abordagens críticas e, para minha satisfação, percebi que isso fazia com que os alunos apreciassem mais a disciplina. E também contribuiu para minha identificação com o labor docente a correlata leitura e discussão de autores da área da educação, como Piaget, Montessori, Paulo Freire, Pestalozzi, bem como das ideias pedagógicas encontráveis em Gramsci, etc. E também excelentes artigos de Pierre Monbeig sobre o ensino da Geografia – é interessante que, em nenhum dos cursos de graduação que frequentei, de 1970 a 74, esse importante geógrafo, que inclusive lecionou na USP, tenha sido mencionado. Josué de Castro, ou o problema da fome, que na época era premente, também nunca foi mencionado. E, posteriormente, obras como aquela coletiva patrocinada pela UNESCO, *Educação, um tesouro a descobrir*, os estudos (como os de Amartya Sen) que mostram a relação indissociável entre educação de qualidade e desenvolvimento (ou entre educação de qualidade e democracia).

FSS: No meio acadêmico, sua obra intelectual também é reconhecida, com suas principais contribuições concentradas no ensino de Geografia e na Geopolítica, temas sobre os quais publicou mais de 30 obras. Considerando que seu ingresso como professor no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP ocorreu em 1984, gostaríamos de ouvir suas reflexões acerca desse momento inaugural de sua carreira acadêmica: quais circunstâncias, experiências formativas e interlocuções intelectuais o senhor considera decisivas para sua decisão de

ingressar na universidade e para a consolidação de sua trajetória como geógrafo e educador? Paralelamente, sua atuação se estendeu como assessor de escolas, secretarias estaduais e municipais de educação, institutos de pesquisa e publicações especializadas. Fale-nos sobre o conjunto de suas "experimentações" profissionais.

Vesentini: Além da minha experiência docente, após a conclusão do curso superior, trabalhei por alguns anos no SESC-SP, em atividades de planejamento de lazer socioeducativo. Depois, já com quase 30 anos, resolvi fazer pós-graduação e escolhi estudar a implantação de Brasília como tema de pesquisa. Durante as pesquisas bibliográficas e de fontes primárias, realizadas principalmente em Brasília e no Rio de Janeiro, percebi que o pensamento geopolítico foi fundamental para a construção dessa cidade com a mudança da cidade-capital do país, algo que ninguém havia ainda explicitado. Alguns poucos, que já haviam estudado a escola geopolítica brasileira, tinham assinalado que um dos temas fundamentais dessa tradição era a "necessidade da mudança da capital". Mas ninguém havia percebido que isso tinha sido elaborado por militares que monopolizavam os estudos geopolíticos no Brasil de 1920 até os anos 1980, e que não era apenas um tema teórico e sem grandes consequências. Existia, nos meios acadêmicos, jornalísticos e populares, um consenso de que a decisão de construir Brasília teria sido uma decisão pessoal de Juscelino Kubitschek. Percebi que não, que JK sequer tinha mencionado esse fato no seu Plano de Metas e só ao perceber a importância dele para os meios militares, num momento em que se aventava seriamente um golpe para impedir sua posse na eventual vitória nas urnas, é que ele incorporou esse projeto mudancista ao seu discurso. Foi uma forma de agradar setores militares e conservadores, tanto que o candidato militar derrotado nessas eleições, general Juarez Távora, elogiou o governo JK e, em especial, a decisão de construir Brasília, dizendo que seria exatamente isso que faria se tivesse sido eleito. Esmiucei os argumentos geopolíticos, a sua importância para essa mudança da capital e comparei com outros casos (Washington, Versailles, Camberra, Moscou), apontando a especificidade de cada caso e, em especial, as determinações que originaram Brasília. Inclusive ao examinar novamente essa obra recentemente, depois de mais de 30 anos sem nunca voltar a abri-la, percebi que, apesar da existência de uma retórica com visível influência de certo marxismo – não do marxismo-leninismo, e sim um neomarxismo de Henri Lefebvre, como também de asserções de natureza metodológica do próprio Marx, – que hoje poderia ser dispensada sem nenhum prejuízo para as conclusões da obra - as ideias centrais continuam válidas. Ou seja, as proposições de que a transferência da capital federal atendeu antes de mais

nada aos interesses geopolíticos, que JK se apropriou da ideia ao perceber que os militares e a mídia encamparam esse projeto geopolítico mudancista, mesmo tendo sido radicalmente contrário a ela anteriormente, inclusive até inícios de sua campanha eleitoral de 1954, e que Brasília em sua concepção e em seu espaço construído constitui uma cidade apropriada a um governo autoritário. Todas essas conclusões – e outras, tais como a natureza mítica de certa "história de Brasília" que ainda hoje predomina – estão amplamente demonstradas e documentadas nesta obra. Depois da tese de doutorado, ao ingressar na USP como docente, fui escalado para dar o curso de Conservação dos Recursos Naturais. Lecionei esse curso durante alguns anos e boa parte de minhas aulas foi incorporada na obra *Geografia, Natureza e Sociedade*, livro publicado em 1989 pela editora Contexto, no qual examino – creio que de forma pioneira – as relações entre geopolítica e questão ambiental, além de outros temas, como as relações entre a sociedade moderna e o meio ambiente. Depois, assumi a disciplina Regionalização do Espaço Mundial, o que me levou a reflexões sobre a geopolítica em escala planetária. Ao preparar aulas para essa disciplina, percebi que praticamente todas as explicações ditas radicais sobre as relações internacionais, inclusive todas as teorias da dependência, estavam alicerçadas na teoria do imperialismo (tanto na versão de Rosa Luxemburgo quanto, principalmente, na de Lênin). Resolvi examinar com mais detalhes essas teorias – as quais, malgrado as suas diferenças, enfatizavam a natureza predatória e exploradora da expansão do capitalismo do centro para as periferias – e percebi que eram fundamentadas em equívocos conceituais e empíricos. Ou melhor, em ideias preconcebidas em vez de exames da realidade. Era como se os investimentos de capital e a implantação de firmas dos países desenvolvidos nas periferias ocasionassem o aumento da pobreza – tanto que alguns teóricos da dependência mencionavam um (suposto) "desenvolvimento do subdesenvolvimento" ocasionado pelos investimentos nos países do Sul, que teria uma natureza predatória. Examinando os dados estatísticos, percebi que isso era totalmente incorreto, tanto que os países mais pobres do mundo possuem poucas empresas estrangeiras e recebem pouquíssimos investimentos externos; e o contrário também é verdadeiro: os países pobres que passam a receber volumosos investimentos estrangeiros produtivos (isto é, a abertura de filiais) são os que mais se desenvolvem econômica e socialmente. Além disso, essas teorias do imperialismo, especialmente a leninista, mesmo declarando-se marxistas, estavam contrariando frontalmente as ideias do próprio Marx, que afirmou explicitamente em *O Capital*, que as diferenças entre os países ricos (ele citou a Inglaterra como exemplo) e os pobres (ele exemplificou com a China) não se deviam a uma hipotética exploração internacional [do trabalho], uma vez

que ele denegava isso. Para ele, só existia a exploração social e nunca [a exploração] entre países, e sim nas disparidades na produtividade do trabalho, algo ignorado solenemente pela teoria leninista. Essas reflexões deram origem a um livro de 19 89, recentemente reformulado, atualizado e publicado em formato digital: "*Imperialismo, geopolítica e desigualdades internacionais*". Então, lecionei uma disciplina optativa denominada Geografia e Ensino, que criei ao perceber que a imensa maioria dos alunos de graduação acabava se tornando professores e que o curso que frequentavam na USP não tinha a menor preocupação em prepará-los para essa atividade. As aulas e os debates com os alunos dessa disciplina deram origem a um trabalho que considero essencial para entender o novo papel do ensino da disciplina no século XXI: *Repensando a Geografia Escolar para o Século XXI*, editora Plêiade, 2009. Por fim, cabe mencionar minha tese de livre-docência – Geografia Política e Nova Ordem Mundial, uma interpretação, defendida em 2003 e ainda inédita. Nessa tese faço um balanço sobre minhas reflexões sobre a abordagem geográfico-política a respeito do espaço mundial.

FSS: Nas décadas de 1980 e 1990, a produção de livros didáticos no Brasil passava por um momento de inflexão, marcado pela crescente demanda por materiais que incorporassem perspectivas críticas e que dialogassem com a realidade social dos estudantes. Nesse contexto, suas obras de Geografia Crítica representaram uma ruptura significativa, pois uniam rigor teórico e compromisso pedagógico em um campo em que era relativamente raro encontrar intelectuais universitários dispostos a escrever para a Educação Básica. Essa iniciativa não apenas aproximou a universidade da escola, mas também suscitou debates sobre a legitimidade e a relevância da produção didática no interior da academia. À luz desse cenário, gostaríamos que o senhor nos contasse como se deu o processo produtivo desses livros, quais foram os principais desafios enfrentados e como a universidade reagiu a essa incursão em um território até então pouco valorizado.

Vesentini: Sim, sem dúvida, essas duas décadas representaram uma inflexão, uma ruptura com o tradicional na Geografia escolar no Brasil. Além do surgimento de livros educativos críticos, voltados a levar o aluno a refletir e a se motivar pelo estudo do Brasil e do mundo (ou da sua região), também surgiram várias obras ou artigos em revistas sugerindo novos caminhos para o ensino da Geografia. Livros e artigos não apenas de minha autoria, mas também de Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Nídia Nacib Pontuschka, Carlos Walter Porto Gonçalves, Márcia M. S. Resende e outros. E também o

surgimento da revista Terra Livre, editada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB/Seção Nacional), na qual foram publicados em alguns de seus números ensaios críticos e de qualidade sobre o ensino da Geografia. Acredito que toda essa produção, bem como os encontros promovidos pela AGB, que deixaram de ser exclusivamente acadêmicos e passaram a discutir o ensino crítico da disciplina na Educação Básica, contribuíram para uma maior aproximação entre a academia (as universidades) e o ensino da Geografia nos níveis fundamental e médio. Mesmo assim, acredito que ainda existe um distanciamento relativo entre os cursos superiores de Geografia e a prática dos docentes dessa disciplina na Educação Básica. E a receptividade de boa parte dos professores universitários frente à renovação do ensino da Geografia foi decepcionante e, ousaria dizer, preconceituosa. Eu mesmo senti desaprovação e hostilidade por parte de certos professores tradicionais da USP, pelo fato de ser autor de livros educativos, algumas vezes até por pura inveja. E colegas autores de livros didáticos de História, Matemática, Biologia e outras disciplinas também me relataram que eram mal vistos nas universidades onde lecionavam. Espero, sinceramente, que isso tenha diminuído, pois me aposentei há 15 anos e tenho pouco contato atualmente com o que se passa na universidade. Afinal de contas, o ensino superior depende da educação básica, de onde sairão os que ingressarão nas universidades. A qualidade de um curso universitário não se mede apenas pelos docentes ou pelos equipamentos, mas principalmente pelo nível dos alunos. Alunos de baixo nível, mesmo nas melhores universidades do mundo, não vão resultar em bons profissionais – se é que vão conseguir concluir o curso (no Brasil, em geral, sim, pela facilidade de promover alunos mesmo que não saibam nada). Aqui se gasta muito com o ensino superior e muito pouco com o básico, o que é um tremendo equívoco. E os docentes do ensino superior pensam, de forma completamente distorcida e mal informada, que a educação básica deve somente reproduzir, de forma simplificada, o conteúdo gerado nas universidades. Inclusive na Geografia, há várias dissertações de mestrado, ou trabalhos de conclusão do curso (TCC), que que incorrem nesse viés, examinando – com ideias preconcebidas, como se a Educação Básica tivesse que reproduzir o conteúdo que aprenderam na graduação – como a geomorfologia, a climatologia, a Geografia urbana, etc., são ensinadas nas escolas básicas, ou nos livros didáticos, sem perceberem que isso não tem sentido, é um *nonsense*. A Educação Básica não tem obrigação (o que seria absurdo) de reproduzir o que os alunos aprendem na universidade. A educação básica é voltada, essencialmente, para desenvolver as potencialidades dos alunos – o "aprender a aprender", o raciocínio lógico, o senso crítico, a sociabilidade, a capacidade de refletir e debater, a compreensão dos métodos

científicos, a tolerância a ideias diferentes, o combate aos preconceitos – e não para reproduzir fielmente os ensinamentos oriundos dos cursos superiores. Sem dúvida, é o conhecimento científico – e não o religioso, o étnico ou o folclórico, como querem alguns – que deve nortear os ensinamentos da Educação Básica. O conhecimento científico é, de longe, a maior riqueza da humanidade, o que permitiu e permite o desenvolvimento sustentável, seja ele econômico, social ou cultural. Mas nem as universidades detêm o seu monopólio – cada vez mais as ciências, por meio de alguns militantes panfletários, encontráveis, principalmente, nas humanidades, questionam a ciência com argumentos problemáticos –, nem o conteúdo atual desse conhecimento é o escopo das lições no ensino fundamental. Mais importante que o conteúdo é, ou são, o(s) método(s) para se chegar a ele, a atitude crítica, a abertura para a dúvida e os questionamentos, a capacidade de observação e reflexão. Daí, na Educação Básica, também se produzem, e não apenas se reproduzem conhecimentos. Seja pela reflexão, pelos debates, pelas experiências ou pelos estudos do meio, atividade essencial no ensino da Geografia.

FSS: Revisitar suas obras didáticas de Geografia Crítica publicadas durante a década de 1990 é ser imediatamente atravessado por uma memória afetiva que transcende o simples aprendizado. Em um período em que era incomum que intelectuais acadêmicos se dedicassem à produção de materiais para a Educação Básica, seus livros surgiram como marcos inaugurais de uma prática pedagógica engajada e reflexiva. Para muitas famílias brasileiras, cujas estantes abrigavam apenas uma bíblia aberta e empoeirada, esses manuais tornaram-se os únicos livros de reflexão crítica disponíveis no cotidiano doméstico. Assim, suas obras, algumas em parceria com Vânia Vlach, não eram apenas instrumentos pedagógicos: constituíam-se em verdadeiras janelas abertas à compreensão da complexidade do Brasil e do mundo, iluminadas pela perspectiva da Geografia crítica. Recordo, com gratidão, o inenarrável prazer de aprender Geografia através das páginas de seus livros que não apenas habitam minha memória, mas que, desde sua origem, integram minha biblioteca pessoal, como fontes permanentes de inspiração e convites renovados à reflexão geográfica. Passadas algumas décadas, qual balanço o senhor faz dessa experiência, tanto no plano pessoal quanto no impacto que ela gerou para a Geografia e para a Educação brasileira?

Vesentini: Acho difícil fazer esse balanço, pois sempre incorremos em vieses ao falar sobre nós mesmos. Cabe aos outros, e não aos próprios autores, avaliar sua importância.

Hegel produziu um adágio apropriado sobre isso: "A coruja da Minerva (isto é, a sabedoria) só levanta voo ao anoitecer". Isso significa que um autor, uma obra, um acontecimento, só é avaliado de fato após ter ocorrido, depois que a poeira assentou. Em todo o caso, mesmo correndo o risco de cabotinismo, creio que dei uma importante contribuição para a renovação da Geografia escolar. Minhas duas primeiras obras educativas – *Sociedade e Espaço, Geografia geral e do Brasil* (de 1982), e *Brasil: Sociedade e Espaço, Geografia do Brasil* (de 1985), ambas voltadas para o Ensino Médio, e depois a coleção Geografia Crítica (de 1987), em coautoria com Vânia Vlach, voltada para o [atual] Ensino Fundamental anos finais , foram sem dúvida – tive o depoimento de centenas de professores sobre isso – inovadoras e mudaram, pelo menos em grande parte (pois ainda hoje existem professores que insistem na Geografia tradicional e mnemônica), a forma de se encarar e ensinar Geografia na Educação Básica. Inclusive, quase todos os autores, depois dessas obras, passaram ou a reformular seus compêndios com essa nova forma de encarar a Geografia (às vezes mesclando a abordagem crítica com a tradicional) ou, então, os novos autores passaram a produzir livros em boa parte inspirados nos nossos – evidentemente, com algumas modificações, salvo algumas apostilas de redes de franquia, que passaram a copiar capítulos inteiros ipsis litteris. Mas o tradicional puro, tal como existia até o início dos anos 1980, praticamente deixou de existir.

FSS: O livro *Para uma Geografia crítica na escola*, publicado em 1982, é considerado uma das obras fundadoras da renovação do ensino de Geografia no Brasil. Nas resenhas críticas que se seguiram à sua publicação, foi frequentemente destacado como um marco na transição entre a Geografia tradicional, de caráter descritivo e conteudista, e a Geografia Crítica, comprometida com a leitura social, política e econômica do espaço. Autores e autoras do campo do Ensino de Geografia saudaram a obra ressaltando a clareza didática com que o senhor apresentou conceitos complexos, traduzindo-os para o cotidiano da sala de aula, o que conferiu ao livro uma dimensão formativa tanto para docentes quanto para estudantes. Outro ponto recorrente nas análises foi a coragem de enfrentar, naquele momento histórico, a resistência de setores mais conservadores da disciplina, que ainda concebiam a Geografia escolar como mera enumeração de acidentes naturais e de dados estatísticos. Nesse sentido, a obra foi recebida como um convite à reflexão pedagógica, mostrando que a Geografia poderia e deveria ser um instrumento de leitura crítica do mundo, capaz de despertar a consciência social e cidadania. Diante disso, professor, como o senhor avalia, hoje, o impacto da obra Para uma Geografia crítica na escola? Acredita que o livro cumpriu o papel de catalisador de

mudanças no ensino de Geografia, ou considera que sua recepção esteve aquém das transformações esperadas naquele contexto histórico?

Vesentini: Como já afirmei, acredito que não só essa minha obra, mas também várias de outros autores que, nos anos 1980, publicaram livros ou artigos sobre o tema foram fundamentais para divulgar e expandir a ideia de mudança radical no ensino da nossa disciplina. Tanto que, a partir dessa década, surgiram inúmeras dissertações de mestrado, teses de doutorado e trabalhos de conclusão de curso de graduação abordando, sob diferentes perspectivas, o ensino da Geografia. Antes dessa década, não tinha quase nada nesse sentido, inclusive, a academia (com exceção das Faculdades de Educação) via com maus olhos qualquer aluno ou orientando que sugerisse que seu tema de pesquisa seria o ensino. Mas a partir dessa década surgiram centenas de trabalhos sobre este ou aquele aspecto do ensino da disciplina, quase que sempre com alguma perspectiva crítica.

FSS: A obra Brasil: *Sociedade e Espaço*, publicada originalmente em 1985, pela Editora Ática, na coleção de livros didáticos de Geografia, é amplamente reconhecida como um marco inaugural na incorporação sistemática dos fundamentos da chamada Geografia crítica ao ensino escolar. Mais do que um simples manual didático, ela se constituiu em verdadeiro divisor de águas na trajetória da educação geográfica brasileira, ao articular, de forma inédita, rigor conceitual, compromisso pedagógico e sensibilidade social. Sua publicação representou uma inflexão epistemológica e pedagógica de grande envergadura, deslocando o eixo da Geografia escolar de um viés meramente descritivo para um campo analítico e interpretativo, capaz de revelar as múltiplas determinações do espaço geográfico em sua complexidade. Não por acaso, tornou-se referência incontornável em praticamente todos os manuais de Geografia publicados nas décadas seguintes, consolidando-se como texto paradigmático no processo de renovação do ensino da disciplina no Brasil. Professor Vesentini, ao revisitar hoje a trajetória da obra *Brasil: Sociedade e Espaço*, como o senhor compreende o lugar histórico dessa obra no processo de renovação da Geografia escolar brasileira? E, mais provocativamente, considera que o impacto transformador que ela exerceu à época ainda encontra ressonância no contexto educacional contemporâneo, marcado por novos desafios epistemológicos, curriculares e tecnológicos?

Vesentini: Minha primeira obra educativa, na verdade, foi *Sociedade e Espaço – Geografia geral e do Brasil*, lançada no final de 1982. O livro Brasil, S*ociedade e Espaço*

veio três anos depois procurando seguir a mesma linha crítica. Neste livro introduzi, creio que pela primeira vez, textos contraditórios para o aluno ler e debater: um deles apregoando a "democracia racial" brasileira e o outro enfatizando o racismo persistente, um deles afirmando que a sociedade brasileira é dualista e o outro criticando a interpretação dualista, um deles apregoando o controle de natalidade e o outro criticando essa ideia, etc. Também inovei ao começar o livro com um capítulo sobre o Brasil no contexto internacional, em vez de iniciar escrevendo sobre o território [brasileiro], como todos os manuais anteriores faziam. Também introduzi, no ensino da disciplina, o conceito de domínios geomorfológicos, uma abordagem das paisagens naturais de forma integrada (o clima com o relevo, a vegetação, etc.). Na abordagem dos climas brasileiros, levei os alunos a compararem duas classificações climáticas diferentes, mostrando suas diferenças; e na abordagem do relevo apresentei duas classificações para os alunos compararem e perceberem que não existe uma única verdade e sim interpretações fundamentadas neste ou naquele aspecto ou item. Com isso, os educandos vão percebendo que o conhecimento científico não é algo pronto e acabado, que deve ser tão somente assimilado, mas sim um saber que evolui por meio de novas abordagens, experiências e novas interpretações. Os manuais tradicionais, pelo contrário, sempre traziam uma única versão do relevo (para o aluno memorizar), do clima (idem) e de outros conteúdos geográficos. Nos livros educativos que elaborei, procurei, sempre que possível, deixar margem para polêmicas, logicamente embasadas na ciência. Exatamente para não inculcar nos alunos aquela atitude típica da escola tradicional, na qual o conhecimento está pronto e cabe apenas memorizá-lo. Essa obra foi um sucesso editorial! Maior, até que aquele primeiro, que era mais de Geografia geral apesar de ter um capítulo sobre o Brasil (com o título de Brasil, país subdesenvolvido industrializado).

FSS: Em *O Ensino de Geografia no Século XXI*, o senhor atualiza e amplia o debate iniciado décadas antes, reafirmando a necessidade de um ensino crítico, comprometido com a formação cidadã e capaz de dialogar com as contradições do mundo contemporâneo. A obra chama a atenção para os dilemas impostos pela globalização, pelas novas tecnologias e pela precarização do trabalho docente, ao mesmo tempo em que aponta para a urgência de reinventar metodologias que mantenham a Geografia escolar viva e socialmente relevante. Nesse sentido, o livro funciona como uma espécie de continuidade, mas também de reinterpretação da proposta inaugurada em Para uma Geografia crítica na escola, confrontando-a com as demandas de uma nova época. Diante desse cenário, professor Vesentini, como o senhor avalia a atualidade da proposta

de *O Ensino de Geografia no Século XXI* frente aos desafios que hoje atravessam a Educação Básica, em especial a crescente padronização curricular, a cultura digital e as desigualdades sociais que marcam a realidade dos estudantes? Considera que a Geografia crítica ainda oferece respostas suficientes ou é preciso repensar seus fundamentos para o século XXI?

Vesentini: Esse é meu livro voltado para a análise da Educação Básica de que mais gosto. Isso porque, de certa forma, ele subsume todos os anteriores – e também incorpora os debates que tive com professores nas palestras que proferi em várias partes do Brasil e com os alunos que frequentaram meu curso de Geografia Crítica e Ensino, que implantei e lecionei por vários anos. Os textos dos anos 1980, pioneiros, ainda não encaravam as mudanças tecnológicas, a globalização, a premente crise ambiental, etc. Eram mais críticas ao ensino tradicional e propostas para uma mudança crítica. Agora, neste meu último livro sobre o ensino, procuro explicar os impactos que todas essas mudanças econômicas, sociais, culturais e ambientais ocasionam no ensino em geral e na disciplina de Geografia, em particular. Argumentei que o ensino em geral, não apenas o da Geografia, passa por uma fase de ruptura, de rápida e radical transformação, na qual o mais importante não é mais reter conhecimentos, e sim o "aprender a aprender", o desenvolvimento de habilidades, competências e atitudes, a compreensão da realidade numa perspectiva interdisciplinar (ou transdisciplinar, como querem alguns). As mudanças aceleradas que estamos conhecendo desde o final do século passado – alguns já falam até em quarta revolução industrial – produzem desafios que não existiam anteriormente, pelo menos não nesse ritmo. Hoje, um profissional – seja professor, médico, engenheiro ou em outra atividade – não pode mais se formar e "aplicar" o que aprendeu, tal como antes. Hoje ele tem que se reciclar, se atualizar constantemente. Se não fizer isso, estará ultrapassado em pouco tempo, mesmo que tenha sido o melhor aluno na faculdade. E também deve ter uma visão ampla, uma capacidade de ir além de sua especialidade. Isso exige uma escola que ensine o educando a pesquisar, a aprender a aprender, a buscar conhecimentos e não apenas recebê-los prontos para assimilar. E que tenha uma visão não mais limitada a uma única disciplina, mas sim uma visão aberta, relacionando Geografia com Ciências, Biologia, Química, Física, História e com Matemática, algo que os alunos anteriormente não faziam (lembro que, muitas vezes, como docente, ouvia questionamentos dos alunos: "Mas, professor, isso não é História?" "Isso não é Biologia?" (questionamentos que na escola de hoje não têm mais qualquer sentido). Nesse livro também mostramos como um ensino renovado da Geografia,

ciência interdisciplinar por excelência, pode ser revalorizado na escola para o século XXI. Mas atenção: afirmei que pode ser e não que vai ser necessariamente, pois depende dos próprios geógrafos mostrarem que sua disciplina não é apenas um rol de informações sobre relevo, clima, vegetação, estrutura etária, produtos exportados e importados, capitais de países, etc., tal como os políticos e o público em geral ainda imaginam. Se a Geografia escolar for apenas isso, como querem os tradicionalistas, sem dúvida, a escola do século XXI vai acabar eliminando completamente essa disciplina tida como inútil. Inútil de fato porque todas essas informações hoje podem ser consultadas em segundos na internet, até mesmo através dos smartfones, não havendo a necessidade de uma disciplina específica para transmitir isso aos educandos. Ademais, essas informações mudam constantemente com as transformações aceleradas (por exemplo, de produtos exportados por tal ou qual país, de guerras que mudam fronteiras, de novas informações sobre o relevo, sobre o clima, etc.) e realmente não faz mais qualquer sentido uma educação que meramente transmita conteúdos para os alunos.

FSS: À guisa de conclusão, permita-me recorrer a um autor que sabemos figurar entre suas predileções, suponho: o geógrafo francês Yves Lacoste e seu livro clássico "*La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*" (1976), frequentemente apontado como um marco teórico da virada crítica na Geografia, ao denunciar a utilização estratégica do saber geográfico como instrumento de poder. No Brasil, sua obra dialogou intensamente com a renovação da disciplina e, em grande medida, com sua própria produção didática, que buscou tornar acessíveis ao ensino escolar os fundamentos de uma Geografia comprometida com a leitura crítica da realidade. Nesse sentido, como o senhor avalia a influência direta ou indireta da obra de Lacoste sobre sua trajetória intelectual e sobre a formulação de manuais como *Brasil: Sociedade* e *Espaço* e *Para uma Geografia crítica na escola?* Mais ainda: em que medida o diagnóstico de Lacoste de que a Geografia serve, antes de tudo, "para fazer a guerra" ainda ilumina ou desafia o ensino da Geografia no Brasil do século XXI, marcado por disputas curriculares, ideológicas e tecnológicas?

Vesentini: Sem dúvida que essa obra de Lacoste representou um marco na Geografia crítica, quase que um pontapé inicial. Digo quase porque anteriormente já existiam geógrafos, como Pierre Monbeig, por exemplo, que questionaram o ensino tradicional e mesmo o esquema "A Terra e o Homem", tido como imperativo na Geografia tradicional. Como também obras de Jean Gottman, Camille Vallaux, Jean Brunhes, Richard Hartshorne e outros, que analisaram aspectos geográficos da guerra e das relações

internacionais numa perspectiva, diríamos, crítica. Embora alguns marxistas-leninistas intransigentes, digam que não, que a atitude crítica mesmo é apenas a deles, a "dialética". O grande mérito desse livro de Lacoste, a meu ver, foi mostrar que os conhecimentos geográficos são importantíssimos na guerra *latu sensu* (é importante realçar isso, pois alguns criticaram essa obra dizendo que a "Geografia também serve para a paz", sem perceberem que, em Lacoste, a noção de guerra não é apenas a militar, mas também abrange as lutas, conflitos, oposições na própria sociedade em tempos de paz). E também mostrar que a abordagem espacial e o espaço enquanto *locus* de conflitos (ou mesmo de vivência), haviam sido negligenciados desde pelo menos o século XIX, tanto pelo positivismo como pelo historicismo e pelo marxismo. Isso tudo foi inspirado numa leitura de Foucault, que foi o primeiro autor a mostrar essa desvalorização do espaço, em praticamente todas as vertentes da filosofia e das ciências sociais, em prol de uma valorização exagerada do tempo desde a Revolução Francesa. Pena que alguns tenham ignorado esse ensinamento, apregoando que a "verdadeira" Geografia crítica seria marxista. Um equívoco que muitos professores universitários ainda transmitem aos seus alunos. Entretanto, meus livros educativos, no final de contas, foram resultado não tanto da leitura deste ou daquele autor (embora não negue a influência de vários deles), e sim principalmente de experiências docentes, da percepção de que os educandos se motivavam mais por uma Geografia não tradicional, por uma disciplina que os levasse a pensar, a refletir e não apenas a memorizar conteúdos.

FSS: Agradecer a William Vesentini é reconhecer a dimensão de um legado que ultrapassa fronteiras disciplinares e gerações de estudantes. Sua obra inscreveu-se na história da Geografia brasileira como um gesto de coragem intelectual e compromisso pedagógico, ao ousar romper com o caráter meramente descritivo e conteudista da disciplina e, em seu lugar, propor uma Geografia crítica, engajada, capaz de iluminar as contradições do Brasil e do mundo. Tal como nos advertiu Yves Lacoste, em sua clássica provocação *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*, o saber geográfico nunca foi neutro: estando sempre implicado em disputas de poder, estratégias de dominação e projetos de sociedade. Você compreendeu essa lição com rara sensibilidade e traduziu-a, com maestria, para o espaço da escola brasileira, transformando livros didáticos em verdadeiros instrumentos de emancipação intelectual. Nas mãos de professores e estudantes, suas páginas não apenas ensinaram conteúdos, mas também abriram horizontes de crítica, de consciência cidadã e de esperança em um país mais justo. Por isso, este agradecimento não se limita ao reconhecimento acadêmico. É também um

tributo afetivo à presença de Vesentini em nossas memórias, em nossas bibliotecas e, sobretudo, em nossas práticas docentes em Geografia. Sua voz continua a ecoar nas salas de aula, lembrando-nos de que ensinar Geografia é, antes de tudo, um ato político: é disputar narrativas, revelar contradições, formar sujeitos capazes de compreender o espaço para transformá-lo. Assim, ao celebrarmos o legado de William Vesentini, celebramos também o poder da Geografia quando colocada a serviço da crítica e da vida, e não da guerra.

Vesentini: Concordo inteiramente com essa análise sobre o que deve ser uma Geografia crítica no ensino e encerro agradecendo, mais uma vez, pelo convite para a entrevista, que me fez relembrar aspectos de minha trajetória que há tempos eu não recordava.

Referências

VESENTINI, José William. A construção de Brasília e o discurso geopolítico nacional. *In*: **Anais do 4º Congresso Brasileiro de Geógrafos**. São Paulo: AGB, 1984. v. 2, n. 2, p. 11-21.

VESENTINI, José William. **A crise do mundo socialista**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993. 56 p.

VESENTINI, José William. A nova (des)ordem mundial. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 67, p. 8-15, jul. 1993.

VESENTINI, José William. A nova ordem mundial. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, PUC-MG, n. 4, p. 7-31, 1993.

VESENTINI, José William. **A nova ordem mundial**. São Paulo: Ática, 1995. 112 p.

VESENTINI, José William. A nova ordem mundial: território, soberania e democracia. **Revista do Departamento de Geografia** (FFLCH-USP), São Paulo, v. 1, p. 103-107, 1994.

VESENTINI, José William. Apresentação: Geografia e liberdade em Piotr Kropotkin. **Seleção de Textos**, São Paulo, p. 1-30, 1986.

VESENTINI, José William. **Brasil: sociedade e espaço**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1985. 272 p.

VESENTINI, José William. Construção do espaço e dominação: considerações sobre Brasília. **Teoria e Política**, São Paulo, n. 7, p. 102-121, 1985.

VESENTINI, José William. Controvérsias geográficas: epistemologia e política. **Confins: Revista Franco-Brasileira de Geografia,** v. 2, p. 2, 2008.

VESENTINI, José William. **Ensaios de Geografia crítica: história, epistemologia e (geo)política**. São Paulo: Plêiade, 2009. 220 p.

VESENTINI, José William. Ensino da Geografia e luta de classes. **Revista Orientação**, São Paulo, p. 0-0, 1986.

VESENTINI, José William. Geografia crítica e ensino. **Revista Orientação**, São Paulo, p. 0-0, 1987.

VESENTINI, José William. Geografia e discurso crítico: da epistemologia à crítica do conhecimento científico. **Revista do Departamento de Geografia** (FFLCH-USP), São Paulo, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1990.

VESENTINI, José William. **Geografia e ensino: textos críticos**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1989. 204 p.

VESENTINI, José William. Geografia em construção. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 70, p. 65-67, 1992.

VESENTINI, José William. **Geografia, natureza e sociedade**. São Paulo: Contexto, 1989. 140 p.

VESENTINI, José William. Geografia, política e educação. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v. 5, p. 15-34, 2009.

VESENTINI, José William. **Geografia: ensino médio – volume único**. São Paulo: Ática, 2003. 544 p.

VESENTINI, José William. **Imperialismo e geopolítica global**. Campinas: Papirus, 1987. 100 p.

VESENTINI, José William. La crisis de la geopolítica brasileña tradicional: ¿existe hoy una nueva geopolítica brasileña?. **Política y Estrategia**, Santiago, v. 108, p. 108-117, 2007.

VESENTINI, José William. **Novas geopolíticas**. São Paulo: Contexto, 2000. 126 p.

VESENTINI, José William. O apogeu e o declínio da geopolítica. **Revista do Departamento de Geografia** (FFLCH-USP), São Paulo, n. 11, p. 19-28, 1997.

VESENTINI, José William. O ensino da Geografia no final do século XX. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 17, p. 5-19, 1995.

VESENTINI, José William. O espaço do mesmo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 62, p. 101-108, 1985.

VESENTINI, José William. O livro didático de Geografia para o 2º grau: algumas observações críticas. In: **Anais do 5º Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre: AGB, 1982. v. 1, p. 199-209.

VESENTINI, José William. O método e a práxis: notas polêmicas sobre Geografia tradicional e Geografia crítica. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, p. 59-90, 1987.

VESENTINI, José William. O novo papel da escola e do ensino da Geografia na época da Terceira Revolução Industrial. **Terra Livre**, São Paulo, AGB, n. 11-12, p. 209-224, 1996.

VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na escola**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992. 136 p.

VESENTINI, José William. Percalços da Geografia crítica: entre a crise do marxismo e o mito do conhecimento científico. *In*: **Anais do 4º Congresso Brasileiro de Geógrafos**. São Paulo: AGB, 1984. v. 2, n. 2, p. 423-433.

VESENTINI, José William. Rediscutindo a nova ordem mundial. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, PUC-MG, n. 5, p. 5-20, 1994.

VESENTINI, José William. Repensando a Geografia Política. Um breve histórico crítico e a revisão de uma polêmica atual. **Revista do Departamento de Geografia**. Volume XX, São Paulo, USP, 2020.

VESENTINI, José William. **Repensando o ensino da Geografia para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009. 161 p.

VESENTINI, José William. **Sociedade e espaço**. São Paulo: Ática, 1983. 240 p.

VESENTINI, José William; MARTINS, D.; PÉCORA, M. **História e Geografia**. (Coleção Vivência e Construção). São Paulo: Ática, 2000. v. 4. 860 p.

VESENTINI, José William; PORTELAR, F. **Êxodo rural e urbanização**. São Paulo: Ática, 1988. 32 p.

VESENTINI, José William; VLACH, Vânia (org.); PONTUSCHKA, Nídia N. (org.); LEFORT, Isabelle (org.); HARDWICK, Susan W. (org.); RINCÓN, Javier Castaneda (org.); GONZÁLEZ, José Manuel S.

(org.); LEMOS, Emilia Sande (org.). **O Ensino da Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. 288 p.

VESENTINI, José William; VLACH, Vânia R. F. **Geografia Crítica**. São Paulo: Ática, 1988. 4 v. 740 p.

VESENTINI, José William; VLACH, Vânia. **Geografia: EJA, Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Ática, 2006. v. 2. 422 p.

VESENTINI, José William. **Geografia e Geopolítica – ensaios e resenhas**. 2020. Livro em formato digital disponível in: https://www.amazon.com.br/Geografia-Geopol%C3%ADtica-ensaios-resenhas-Vesentini-ebook/dp/B08MVFBLMM.

VESENTINI, José William. **A capital da geopolítica**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986. 240 p. (Nova edição digital, reformulada e com posfácio: https://www.amazon.com.br/Capital-Geopol%C3%ADtica-geogr%C3%A1fico-pol%C3%ADtico-implanta%C3%A7%C3%A3o-Bras%C3%ADlia-ebook/dp/B08KR7Q9Q4.)

VESENTINI, José William. **Nova ordem, imperialismo e geopolítica global**. Campinas: Papirus, 2003. 158 p. (Nova edição reformulada e atualizada, em formato digital: https://www.amazon.com.br/Geopol%C3%ADtica-imperialimo-desigualdades-internacionais-Vesentini-ebook/dp/B08RXHX2HQ .)

Recebido em 19 de setembro de 2025.

Aceito para publicação em 19 de julho de 2026.